

O PERCURSO DO PENSAMENTO FILOSÓFICO À LUZ DO LIVRO VII DE A REPÚBLICA DE PLATÃO

Apoliana Pereira Vieira¹

Orientadora: Priscila de Oliveira Silva

RESUMO

O presente estudo objetiva discorrer sobre o mito da caverna, presente na forma de alegoria no livro VII da obra *A República*, no qual Platão apresenta ao leitor sua teoria sobre o conhecimento da verdade e a necessidade de que o governante da cidade tenha acesso ao conhecimento verdadeiro através da libertação e da saída da caverna. Através desse mito, é possível pensar o percurso do pensamento filosófico no Ocidente, bem como as questões e os problemas que afetam a nossa sociedade na atualidade. Para tanto, a metodologia utilizada consiste em revisão bibliográfica, desenvolvida a partir de material já elaborado sobre o tema, como livros e artigos científicos. No decorrer do estudo, percebemos a necessidade de nos libertarmos das cavernas que nos aprisionam no dia a dia e de sermos como o prisioneiro que se libertou, de sermos filósofos, de buscarmos o conhecimento verdadeiro, pois temos a tarefa de conduzir o nosso entendimento e usar a nossa sabedoria para construir uma cidade mais justa e auxiliar os homens a governar essa cidade com princípios éticos que devem nortear o mundo social.

Palavras-chave: Pensamento filosófico. A República. Mito da Caverna. Platão. Sócrates.

ABSTRACT

The present study aims to discuss the myth of the cave, present in the form of allegory in book VII of the work *The Republic*, in which Plato presents the reader with his theory about the knowledge of the truth and the need for the city ruler to have access to knowledge true through liberation and leaving the cave. Through this myth, it is possible to think about the path of philosophical thought in the West, as well as

¹ Graduanda do Curso de Ciências Humanas, com habilitação em Filosofia, da Universidade Federal do Maranhão (campus Pinheiro – MA). E-mail: vieira.poliiana19@gmail.com

the issues and problems that affect our society today. Therefore, the methodology used consists of a bibliographic review, developed from material already elaborated on the theme, such as books and scientific articles. During the course of the study, we realized the need to free ourselves from the caves that imprison us on a daily basis and to be like the prisoner who was freed, to be philosophers, to seek true knowledge, because we have the task of conducting our understanding and use our wisdom to build a more just city and help men to govern this city with ethical principles that should guide the social world.

Keywords: Philosophical thinking. The Republic. Cave myth. Plato. Socrates.

1. INTRODUÇÃO

O livro *A República* foi escrito no século IV a.C. por Platão, no qual o filósofo apresenta diálogos e reflexões do seu mestre Sócrates, que não deixou nada escrito. O mito ou alegoria da caverna se encontra no livro VII de *A República* e apesar de Platão ter escrito o livro, a relevância desse mito está na figura do protagonista Sócrates em função de suas brilhantes intervenções a respeito dos assuntos que os seus amigos filósofos apresentavam a ele.

A obra *A República* assim como o mito da caverna, são extremamente importantes para o percurso do pensamento filosófico, já que nessa obra Platão discorreu sobre alguns elementos característicos da vida humana, como a estética, a arte e o conhecimento humano (que é discutido no livro VII, o mesmo livro em que se encontra a Alegoria da Caverna). Daí a necessidade de se abordar o tema, uma vez que nesse mito, o autor da obra procura apresentar ao leitor a sua teoria sobre o conhecimento da verdade e a necessidade de que o governante da cidade tenha acesso a esse conhecimento.

Sendo assim, a metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho consiste em uma abordagem uma qualitativa, recorrendo a levantamento bibliográfico para a colheita de informações sobre o tema. A opção pela metodologia qualitativa consiste em ser considerada a mais adequada para pesquisas que objetivam estudos de aspectos subjetivos de fenômenos psicossociais tais como a caracterização do percurso do pensamento filosófico à luz do livro VII d'A República

de Platão, no qual o filósofo traz a alegoria da caverna, num diálogo travado entre Sócrates, personagem principal, e Glauco, seu interlocutor, que visa apresentar ao leitor a teoria platônica sobre o conhecimento da verdade, bem como questões que norteiam a vida humana.

Nesses termos, a natureza do presente trabalho é baseada em dados qualitativos e descritivos. Qualitativo porque apresenta os resultados através de percepções e análises do objeto de estudo e descritivo porque traz a observação, análise e registro do objeto estudado. Apesar de descritivo, este estudo está fundamentalmente baseado na pesquisa bibliográfica, pois conforme afirma Fonseca (2002, p. 32), “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”, sendo assim, é a base para a efetivação de qualquer pesquisa científica.

Considerando-se a relevância do tema abordado por este trabalho, o presente artigo tem o seguinte problema de pesquisa: Qual a importância da alegoria da caverna, escrita por Platão no livro VII d’A República para o percurso do pensamento filosófico?

Tal questionamento há de requerer uma revisão bibliográfica capaz de permitir que a temática investigada atinja o objetivo geral, que é discorrer sobre a alegoria da caverna, em que Platão apresenta ao leitor sua teoria sobre o conhecimento da verdade e a necessidade de que o governante da cidade tenha acesso ao conhecimento verdadeiro.

Como objetivos específicos, pretende-se caracterizar a vida e obra de Platão, enfatizando a sua contribuição para a formulação do pensamento filosófico ocidental. Em seguida, pretende-se discorrer especificamente sobre uma das obras mais complexas e completas de Platão: A República. É uma obra composta por dez livros, que fala sobre as várias formas de governo e política para chegar ao modelo político ideal.

E por fim, far-se-á a análise de como a alegoria da caverna, escrita por Platão no livro VII d’A República contribuiu para o percurso do pensamento filosófico em si, evidenciando o fato de que, para Platão, o filósofo deve ser como o prisioneiro liberto da caverna, pois é o detentor do conhecimento e possui as características fundamentais para o governante: a busca pela verdade e o conhecimento, por sua vez, é o elemento primordial de um bom governante.

2. PLATÃO: UM PERCURSOR DO PENSAMENTO OCIDENTAL

Platão nasceu em Atenas, em 428 ou 427 a.C., e morreu em 348 ou 347 a.C. Seu nascimento ocorreu no ano seguinte ao da morte de Péricles, grande líder político ateniense; sua morte, dez anos antes da batalha de Queroneia, que marcou o início da dominação da Grécia pela Macedônia.

A vida de Platão, portanto, transcorreu numa época em que a liberdade política dera à Grécia e particularmente a Atenas, excepcionais condições de desenvolvimento econômico e cultural. No chamado século de Péricles, Atenas atingira o apogeu em todos os setores. Nessa cidade-estado firmara-se o regime democrático, embora perdurassem tensões e lutas entre facções políticas: democratas, oligarcas, aristocratas (PESSANHA, 2017).

O nome verdadeiro de Platão era Aristocles, uma herança de seu avô. Segundo Matsuura (2019, p. 9) “Platão era um apelido que significava atarracado, provavelmente pelos largos ombros que possuía, pois praticou luta na juventude”. Ao longo da sua juventude e busca pelo conhecimento, Platão teria se inspirado em grandes nomes como Anaximandro, seu mestre Sócrates e teria ainda conhecimento do célebre dilema colocado pelos filósofos pré-socráticos Parmênides e Heráclito: imobilismo eleático do primeiro e a filosofia do mobilismo universal do segundo.

Esse pensamento foi alvo de críticas feitas por Platão, uma vez que ele fez da noção de permanência e mudança um elemento fundamental na sua filosofia, como podemos perceber abaixo:

Para Platão, todas as coisas materiais deste Mundo que podemos perceber através dos nossos sentidos, eram meras cópias imperfeitas (ou simulacros) do que ele chamava Ideias (ou Formas), entidades abstratas, imateriais, eternas e perfeitas, apreensíveis por nós só através do “Intelecto” (Inteligência, Mente ou Razão). Essas Ideias, embora abstratas e imateriais, tinham existência autônoma e real num reino que não era, obviamente, o reino das coisas concretas e materiais, nem mesmo o reino da nossa Mente, mas um reino a parte chamado Mundo das Ideias (MATSUURA, 2019, p. 11-12).

Por mais que esse pensamento possa soar estranho, ele esteve no cerne de uma “radical diferença entre a filosofia de Platão e a de outros filósofos que o precederam, como os jônios, assim como a dos que vieram depois, como Aristóteles, que foi seu discípulo e muito influenciou no nosso pensamento”, como afirma

de maneira contundente Matsuura (2019, p. 12). Desse modo, percebe-se que a influência exercida por Platão na construção da primeira grande síntese do pensamento antigo, pois nela ela estão confrontados e integrados os pensamentos de todos os grandes filósofos anteriores (PESSANHA, 2017).

Há que se ressaltar, entretanto, que a base do pensamento filosófico de Platão é a Matemática, pois para ele “filosofar é procurar pensar para além da matemática, é fazer metamatemática”, de acordo com Pessanha (2017, p. 34). Sobre essa inspiração que Platão tinha na matemática, o autor afirma ainda:

É frequentemente com recursos inspirados na matemática que Platão procura ir além das posições assumidas por Sócrates, para poder dar combate mais efetivo ao relativismo dos sofistas, os quais afirmavam que não há verdade, mas apenas opiniões circunstanciais e relativas (PESSANHA, 2017, p. 34).

No que concerne às demais obras de Platão, além d’*A República*, ele escreveu muitos diálogos filosóficos, que são considerados verdadeiros dramas em prosa. Pessanha (2017, p. 34) afirma que Platão “foi um dos maiores escritores de todos os tempos e ninguém conseguiu, como ele, unir as questões filosóficas a tamanha beleza literária e o personagem principal da grande maioria dos diálogos platônicos é Sócrates”. A maneira como Platão escreveu seus textos até hoje é apreciada por grande parte da intelectualidade acadêmica, pois os diálogos geralmente empregados na discussão de grandes questões filosóficas demonstra a beleza literária da composição platônica.

Sem dúvidas, Platão discorreu sobre questões importantes de maior ou menor alcance para uma compreensão global em seus textos, e por isso, alguns historiadores classificam as obras platônicas em: diálogos da juventude ou socráticos, diálogos da maturidade e diálogos da velhice. Mas antes de descrever cada uma dessas fases, vale ressaltar que Platão não escreveu apenas diálogos, ele também deixou algumas cartas, das quais a número VII é a que tem maior importância filosófica e que o ensinamento oral de Platão foi em parte transcrito por seu discípulo Aristóteles.

Isto posto, Pessanha (2017, p. 35) descreve a classificação das obras de Platão:

a) **Diálogos Da Juventude ou Socráticos** — defendem a memória de Sócrates e o apresentam geralmente discutindo temas morais, sem chegar porém a conclusões; são diálogos “combativos”, que quase sempre se limitam a demolir opiniões inconsistentes e a fazer ardentes exortações.

Exemplos: Primeiro Alcibiades (sobre a natureza do homem), Apologia de Sócrates (sobre o julgamento de Sócrates), Eutífron (sobre a piedade), Górgias (sobre a moral segundo os sofistas);

b) **Diálogos Da Maturidade** — neles Platão vai afirmando cada vez mais a independência de seu pensamento em relação ao de Sócrates. Exemplos: Mênon (sobre a possibilidade do ensino da virtude), Crátilo (sobre a natureza da linguagem), Banquete (sobre o amor), Fédon (sobre a morte e sobre a natureza da alma), República (sobre a formação do filósofo e a cidade ideal), Fedro (sobre o amor e a alma), Teeteto (sobre o saber e o erro), Parmênides (sobre a teoria das ideias);

c) **Diálogos Da Velhice** — apresentam a última formulação do pensamento platônico. Exemplos: Sofista (sobre a definição de sofista e a distinção entre verdade e erro), Timeu (sobre a origem e a constituição do universo), Leis (obra inacabada, sobre questões políticas).

É importante destacar que essa classificação é aceita pela maioria dos historiadores, principalmente os historiadores da Filosofia. No entanto, não quer dizer que seja a única classificação existente acerca das obras de Platão. Lazarini (2007, p. 2), por exemplo, divide os textos platônicos em quatro períodos:

- 1º) Os diálogos da juventude: a Apologia de Sócrates, o Crítion, o Laques, o Lísias, o Cármides, o Eutífron, o Hípias Menor, o Hípias Maior, o Protágoras, o Íon;
- 2º) Os diálogos da maturidade: o Mênon, Fédon, Banquete, o Górgias, A República, Fedro, Eutidemo, Menexeno, Crátilo;
- 3º) Os diálogos ditos metafísicos: Teeteto, Parmênides, Sofista, Político;
- 4º) Os diálogos ditos da velhice: o Filebo, o Timeu, as Leis.

Percebe-se que na classificação feita por Lazarini (2007), há a inclusão dos diálogos ditos chamados metafísicos, que compõem o conjunto de obras em que Platão aborda outro tema bastante importante para a filosofia: a metafísica.

Outro aspecto relevante é que diante das várias obras de Platão e assuntos por ele abordados, muitos ainda são pouco explorados, e continuam sendo temas de debates pelos estudiosos de sua obra.

Alguns exemplos desses estudiosos são, de acordo com Lazarini (2007):

- Havelock, e seu trabalho *Prefácio a Platão*, no qual ele explica as razões para a oposição de Platão à experiência poética (p. 1).
- Jaeger e sua obra *Paidéia: a formação do homem grego*, que é um estudo profundo, completo e considerável sobre os ideais de educação da Grécia antiga, com destaque para Platão e algumas de suas obras (p. 1).

- Jaspers, cujo trabalho *The great philosophers*, analisa as vidas, personalidades, pensamentos e a influência de alguns dos mais distintos filósofos, entre os quais está Platão (p. 1).
- Moreau, que na obra *Os grandes pedagogistas de Châteaufort*, faz um estudo breve, mas bem sistematizado sobre Platão e a educação (p. 1).
- Piettre, que em seu trabalho transcreve o livro VII de *A República*, enriquecendo-o com comentários e explicações interessantes e pormenorizadas a respeito deste livro de Platão em toda sua extensão (p. 2).
- Reale que dedica o volume II de sua obra *História da Filosofia Antiga* a Platão e a Aristóteles (p. 2).
- Soares, cuja preocupação central de *Dialética, educação e política: uma releitura de Platão* repousa na compreensão do caráter não-idealista de Platão, debruçando-se, para isso, sobre sua concepção de dialética, e de Educação (p. 2).
- Teixeira, que em seu trabalho *A educação do homem segundo Platão* faz uma pesquisa a respeito do pensamento educacional platônico, não se restringindo a uma obra específica do filósofo (p. 2).

Esses são apenas alguns exemplos de teóricos e comentadores que se dedicaram ao estudo dos textos platônicos e independentemente da interpretação de cada um deles, “não é aqui o lugar de explicitarmos os pressupostos da nossa interpretação de Platão nem de discutirmos as várias posições assumidas por diferentes correntes de interpretação do pensamento e da obra de Platão” (MARTINS, 1995, p. 386). Isso porque a importância do pensamento de Platão independe da interpretação de seus estudiosos e comentadores.

Nesse ínterim, na grande maioria dos diálogos de Platão, o personagem principal é Sócrates, porém, é consenso afirmar que ele não deixou nada escrito. “Sócrates nada escreveu: é o que assevera toda a tradição a seu respeito. Nem por isso a História de seu Pensamento deixa de ser a de um discurso: um discurso que tem de próprio ser o de outrem, de Platão, de Xenofonte, de Aristóteles, etc.” (SOUZA NETO, 1982, p. 40). Através das obras platônicas, percebemos que o diálogo socrático é dramático, onde há o constante embate de consciências e o confronto de opiniões pessoais.

Sobre o diálogo socrático, Pessanha (2017, p. 35) afirma o seguinte:

O objetivo da dialogação conduzida por Sócrates é inicialmente despertar no interlocutor a consciência de que ele não sabe o que pensava saber. Uma vez liberto dessa ilusão, o interlocutor que se revela disposto a ir além é incentivado por Sócrates a prosseguir no conhecimento de si mesmo, já agora num trabalho construtivo de dar à luz ideias próprias e mais fundamentadas. Ele pode assim, auxiliado pelo “parteiro” Sócrates, ir nascendo de si mesmo, ir se apossando progressivamente da própria alma.

A forma como Sócrates conduz os seus diálogos com os interlocutores é considerada totalmente original, uma vez que ele não encontra suas raízes nos gêneros literários anteriores ou contemporâneos, especialmente no âmbito teatral. Dessa maneira, Sócrates foi portador de uma novidade na forma de se produzir conhecimento na época. Um dos seus principais e mais conhecidos discípulos foi Platão: “Ora, discípulo maior de Sócrates, Platão tem de especial, de próprio, o ter sido o Filósofo-escritor por excelência, o que foi à revelia de sua mais radical concepção da Linguagem”, de acordo com Souza Neto (1982, p. 40).

O diálogo socrático, sem dúvidas, se configura como uma grande inovação trazida pelo mestre de Platão, onde seus ensinamentos têm como principal característica a realização em espaços públicos, como é possível notar a seguir:

A maneira muito peculiar com a qual Sócrates filosofava ia muito além da convencional, a saber, dos textos escritos e das escolas de pensamento. A voz de sua filosofia era proferida em diálogos e seus ensinamentos, - embora o mesmo assumisse que não ensinava nada, já que só sabia que nada sabia- eram realizados em espaços públicos (CASTILHO et al., 2015, p. 228).

Embora tivesse toda essa liberdade de pensamento, é pertinente destacar que o método de Sócrates era baseado em diálogos que se iniciavam sempre a partir de perguntas simples, a fim de causar no interlocutor o autoconhecimento. Sobre isso, Pessanha (2017, p. 35) afirma que:

Esse caminho de autoconhecimento passa pelo domínio do significado das palavras que ele vinha usando entorpecidamente, sem consciência clara. Provavelmente porque a meta do diálogo socrático é levar as pessoas ao autoconhecimento, Sócrates aparece nas primeiras obras de Platão apenas derrubando opiniões inconsistentes, desmascarando falsos sábios.

O diálogo socrático tinha como base a pergunta inicial partindo do pressuposto da ignorância, ou seja, “Sócrates se mantinha ignorante em relação ao que perguntava, pois, seu objetivo era que o interlocutor chegasse a uma contradição ao responder as perguntas que eram feitas” (CASTILHO et al., 2015, p. 228). Dessa maneira, o interlocutor deveria perceber “os próprios erros de seu

raciocínio e também o quanto era ignorante sobre aquilo que achava saber”, segundo Castilho et al., (2015, p. 228).

Para entender melhor como funcionava o diálogo socrático, apresenta-se a seguir um trecho de um dos diálogos platônicos: Eutífron, ou da religiosidade:

[...]

SÓCRATES: Mas são as mesmas coisas, como afirmas, que uns reputam justas e outros injustas. De suas divergências acerca disso é que se originam as guerras e as discórdias entre eles, não é?

EUTÍFRON: De fato.

SÓCRATES: Temos de afirmar, por conseguinte, que as mesmas coisas são amadas e odiadas pelos deuses e que lhes são ao mesmo tempo agradáveis e desagradáveis.

EUTÍFRON: Parece que sim.

SÓCRATES: O que significa, Eutífron, que algumas coisas poderão ser ao mesmo tempo piedosas e ímpias.

EUTÍFRON: É possível.

SÓCRATES: Então, estimado amigo, não respondeste à minha pergunta. Pois eu te pedi que me explicasse o que é ao mesmo tempo piedoso e ímpio. Porém vimos que o que agrada a alguns deuses pode desagradar a outros; portanto, querido Eutífron, não seria de espantar que aquilo que fazes ao castigar teu pai fosse agradável para Zeus, mas detestável para Cronos e Urano, agradável para Hefáistos, mas detestável para Hera e, da mesma maneira, agradável e desagradável para uns e outros deuses que divergem a respeito disso.

EUTÍFRON: Acredito, contudo, Sócrates, que a respeito disso não exista divergência alguma entre os deuses que chegue a excluir o fato de aquele que matou alguém injustamente deva receber castigo (PLATÃO, 1999, p. 43-44).

[...]

Com base no trecho de diálogo acima, entre Sócrates e Eutífron, percebe-se que as indagações feitas pelo primeiro instigam o pensamento e o raciocínio no segundo, de forma que o diálogo geralmente se inicia com uma pergunta, ao qual Sócrates chamou de ironia, pois “esse primeiro momento trazia consigo um sentido muito maior do que usualmente relacionamos a esse conceito” (CASTILHO et al., 2015, p. 228). Em seguida, Sócrates partia então para o que ele chamou de Maiêutica:

Em um segundo momento, Sócrates partia então para a chamada Maiêutica, onde juntamente como o interlocutor, ambos iriam iniciar uma espécie de investigação em direção da verdade acerca daquilo que estava sendo questionado inicialmente. Esse momento de construção do conceito era o momento do conhecer, ou como Sócrates dizia, o momento do parto das verdadeiras ideias, fazendo uma referência a sua mãe que era parteira (CASTILHO et al., 2015, p. 228).

Assim funcionava o método dos diálogos socráticos, uma nova forma de pensar e construir o conhecimento para a época, pois mesmo afirmando que nada sabia, através de seus ensinamentos, Sócrates se tornou sem dúvida um marco na filosofia Ocidental. Souza Neto (1982, p. 40) afirma que em Sócrates, “o Discurso filosófico adota um gênero, o Diálogo e, neste, compromete toda a Filosofia anterior e grande parte da Cultura helênica”. Nesse sentido, não é difícil entender porque Sócrates é um dos principais personagens que aparece nas obras de Platão, pois mesmo não deixando nada escrito, Sócrates através de Platão, era uma pessoa que praticava aquilo que acreditava, a ponto de morrer por seus ideais.

Ressalta-se que abordar especificamente o pensamento de Sócrates e a questão de seu método é uma tarefa por demais complexa e extensa, que deve ser tratada com maior profundidade em outro momento, já que aqui pretendeu-se fazer apenas uma contextualização do diálogo socrático, uma vez que este encontra-se com grande ênfase nas obras de Platão. Outro ponto a ser observado sobre o diálogo socrático, é que além da ironia e da maiêutica, no método de Sócrates, “faz-se constantemente a oposição entre aquilo que parece ser uma mesma coisa já que é designado pela mesma palavra ou por outra designação muito próxima e a sua caricatura” (MARTINS, 1995, p. 391).

Dessa forma, percebe-se que o caráter dialógico do pensamento platônico descrito em suas obras, advém do seu mestre Sócrates. Um desses diálogos é o livro *A República*, que foi escrito no século IV a.C. por Platão, onde o filósofo apresenta diálogos e reflexões de Sócrates. A seguir, abordar-se-á especialmente o livro VII da República, para entendermos melhor como ocorreu o percurso do pensamento filosófico.

3. LIVRO VII D'A REPÚBLICA DE PLATÃO

Platão é considerado como um dos principais precursores da construção do pensamento racional no ocidente devido a amplitude que seus textos provocam,

além disso, “o contributo de Platão para o legado da filosofia política tem sido analisado, pela generalidade dos intérpretes, quase exclusivamente a partir do texto da *República*”, de acordo com Martins (1995, p. 385). Dessa forma, percebemos a importância de Platão, através de um dos seus principais textos, *A República*, não somente do ponto de vista educativo, mas também para a fundação mental de um Estado perfeito.

Dois termos essenciais para a compreensão do pensamento platônico são: *doxa* e *episteme*. Esses conceitos partem de uma perspectiva de determinação ética em Platão, todavia, para tratar desses termos, é necessário levar em conta a evolução dos mesmos, no que concerne a sua precisão terminológica. Nos primeiros diálogos platônicos, o termo *doxa* é compreendido apenas como simples opinião, ou seja, “isso implica que *doxa* é compreendida como um certo juízo subjetivo que tem valor apenas momentâneo, um juízo que não poderá ser referência ética pois tem presente a possibilidade da falsidade das crenças que suportam a ação” (FRANKLIN, 2004, p. 374).

Desse modo, também nos primeiros diálogos de Platão, o termo *episteme* é compreendido como uma *techné*, ou seja, determinada habilidade para realizar ou fazer alguma coisa, determinado saber que tem sua base no conhecimento específico e exato dessa coisa. Diante dessa confusão no entendimento superficial desses termos, Platão sentiu a necessidade de ajustar esses termos dentro de uma terminologia mais precisa. Diante disso, mais uma vez enfatiza-se a importância do diálogo *A República*, pois é nele que esses termos adquirem uma nova delimitação.

Doxa na República é reafirmada como simples opinião, mas se distancia de *episteme*, no que concerne ao valor do conhecimento. Aqui *episteme*, como conhecimento da realidade das coisas, manifesta-se como diretamente ligado à Ideia do bem, no sentido de esta garantir a veracidade do conhecimento. Portanto, na República o termo *episteme*, que antes suportava a possibilidade de ser habilidade para algo, agora adquire o conteúdo de saber pleno de certeza, um saber evidente que está ligado diretamente com a realidade da Ideia. Com isso, *episteme*, na República, configura-se como conhecimento verdadeiro diametralmente afastado de *doxa*, que se configura como simples opinião (FRANKLIN, 2004, p. 374).

Por conseguinte, reafirma-se a importância desses conceitos para a compreensão do pensamento de Platão, que contribuiu de forma primorosa para a consolidação da racionalidade ocidental, sobre vários aspectos, dentre eles, a política, a moral, a educação, etc. Um dos atributos que mais chama a atenção dos teóricos que estudam Platão é o fato de que o seu pensamento se desenvolve em

consonância com sua visão educativa, principalmente nos diálogos *A República* e *As leis*. Nesses termos, “a influência do legado platônico na cultura ocidental é tão grande e estende-se a tantos campos que é muito difícil ter uma noção exata da sua profundidade e extensão” (MARTINS, 1995, p. 385).

No livro VII d’*A República*, Platão traz a alegoria ou o mito da caverna, num diálogo entre Sócrates, que é a personagem principal, e Glauco, seu interlocutor. Nesse diálogo, Platão através dos dialogantes, busca apresentar ao leitor a teoria platônica sobre o conhecimento da verdade e a necessidade de que o governante da cidade tenha acesso a esse conhecimento, além disso, narra a trajetória de Sócrates buscando estabelecer, teoricamente, como seria o governo perfeito.

Em um dos principais trechos do livro VII, Sócrates diz:

Imagina homens que vivem numa espécie de morada subterrânea em forma de caverna, que possui uma entrada que se abre em toda a largura da caverna para a luz; no interior dessa morada eles estão, desde a infância, acorrentados pelas pernas e pelo pescoço, de modo a ficarem imobilizados no mesmo lugar, só vendo o que se passa na sua frente, incapazes, em virtude das cadeias, de virar a cabeça. Quanto à luz, ela lhes vem de um fogo aceso numa elevação ao longe, atrás deles. Ora, entre esse fogo e os prisioneiros, imagina um caminho elevado ao longo do qual se ergue um pequeno muro, semelhando ao tabique que os exibidores de fantoches colocam à sua frente e por cima dos quais exibem seus fantoches ao público (PLATÃO, 2012, p. 210).

O conhecimento é, para Platão, o elemento primordial de um bom governante. Por isso, no livro VII de *A República*, Platão afirma que o filósofo deve ser como o prisioneiro liberto da caverna, pois as características pertencentes ao filósofo, são fundamentais para o governante, como por exemplo, a busca pela verdade. Ressalta-se que analisar o VII de *A República* e fazer uma relação com o percurso do pensamento ocidental, assim como as questões atinentes a ele, não é uma tarefa simples. Assim, prefere-se aqui encarar essa tarefa como um desafio, o que a tornou ainda mais instigante.

Como afirmado outrora, a maioria das obras de Platão traçam o perfil de Sócrates. Na verdade, vão além, pois traçam, a partir de Sócrates, o retrato do filósofo (PESSANHA, 2017). No texto *A República* não é diferente! Especialmente no livro VII dessa obra, o filósofo seria o prisioneiro liberto, que conseguiu sair da caverna. Após se libertar e andar pela caverna, o prisioneiro liberto começa a perceber outras pessoas na caverna e que essas pessoas estavam olhando para as

sombras projetadas por uma fogueira, aos quais julgavam ser a totalidade do mundo.

A fim de exemplificar melhor essa alegoria e o que Platão exprime em ideias, apresenta-se a seguir, uma ilustração do mito da caverna:

Figura 1: Mito da Caverna de Platão



Fonte: Site Brasil Escola < <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/mito-caverna-platao.htm> >

Nesses termos, como este trabalho concentra-se no estudo do pensamento de Platão, particularmente a partir do livro VII de A República, enfatiza-se a importância do mesmo para o percurso do pensamento filosófico, já que nessa obra Platão discorre sobre alguns elementos característicos da vida humana, como a educação, a estética, a arte e o conhecimento humano. Dessa forma, quando

Platão desenvolve o perfil de Sócrates, que na verdade é o perfil do filósofo, através do prisioneiro que se liberta da caverna, ele traz a questão da escalada até o conhecimento.

Na República, [o filósofo] é aquele que se liberta da caverna das ilusões e eleva os olhos progressivamente até o Sol que ilumina a realidade; e já que realizou a escalada do conhecimento até o final, é quem tem obrigação de assumir as tarefas políticas e o encargo de governar (PESSANHA, 2017, p. 40).

Novamente, percebemos a inclinação de Platão para a definição das características ideais de um bom governante. Nesse sentido, é possível afirmar que *A República* é a “idealização de uma cidade perfeita, uma cidade modelo dirigida por filósofos, onde a divisão de tarefas se aplica à totalidade de cidadãos. Uma cidade justa só pode ser povoada por cidadãos igualmente justos (LAZARINI, 2007, p. 4). Para governar essa cidade perfeita, Platão afirma ser necessária a figura do rei filósofo, ou seja, o prisioneiro que se libertou e saiu da caverna, e que encontrou a luz do Sol.

Quando o prisioneiro liberto saiu da caverna, teve a sua visão ofuscada pela imponente luz solar. Além disso, com o impacto da liberdade, ele se sentiu desamparado, desconfortável e deslocado. Com a saída e liberdade do prisioneiro, Platão nos traz a questão dos graus do conhecimento, de forma hierárquica, pois, com essa metáfora, ele afirma que existe “um modo de conhecer, de saber, que é o mais adequado para se pensar em um governante capaz de fazer política com sabedoria e justiça” (PORFÍRIO, 2020, s/p).

Com a saída do prisioneiro da caverna, Platão sugere que a curiosidade é uma qualidade essencial para quem busca o conhecimento verdadeiro, pois o “homem curioso é capaz de sair da caverna e observar o mundo cheio de luz que está no lado de fora. Sair da caverna significa superar os esquemas de alienação e de medo de conhecer a verdade”, de acordo com Matos (2011, p. 68). Nesse sentido, percebemos que a partir dessa perspectiva, Platão teoriza sobre o conhecimento da verdade e a necessidade de que, no Estado ideal, para que o governante possa governar através do conceito de justiça, é preciso que ele tenha acesso a esse conhecimento.

Com a metáfora da saída da caverna pelo prisioneiro liberto, Platão nos sugere ainda que “o ser precisa se libertar das amarras mais escuras de sua mente, pois o homem é chamado a andar por caminhos novos, é chamado a descobrir o

diferente, a retirar de sua mente aquilo que o impede de ser feliz” (MATOS, 2011, p. 68). O desconforto que o liberto sente ao sair da caverna e se deparar com a luz do Sol, ou seja, com o conhecimento verdadeiro, é necessário para perceber a infinidade do mundo e da natureza que existe fora da caverna.

Desse modo, com as possibilidades que o prisioneiro tem após a sua saída da caverna, uma delas é retornar para libertar os seus companheiros que ficaram presos às amarras diante das sombras projetadas pela fogueira. Todavia, é bem possível que o prisioneiro liberto sofresse ataques de seus companheiros, pois o condenariam e o julgariam como louco. Sobre isso, o livro VII diz o seguinte:

Considera pois – continuei – o que aconteceria se eles fossem soltos das cadeias e curados da sua ignorância, para ver se, regressados à sua natureza, as coisas se passavam deste modo. Logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e olhar para a luz, ao fazer tudo isso, sentiria dor, e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objetos cujas sombras via outrora. Que julgas tu que ele diria, se alguém lhe afirmasse que até então ele só vira coisas vãs, ao passo que agora estava mais perto da realidade e via de verdade, voltado para objetos mais reais? E se ainda, mostrando-lhe cada um desses objetos que passavam, o forçassem com perguntas a dizer o que era? Não te parece que ele se veria em dificuldades e suporia que os objetos vistos outrora eram mais reais do que os que agora lhe mostravam? (PLATÃO, 2012, p. 211).

Quando Sócrates faz os questionamentos acima a Glauco, sobre a dificuldade de libertar os prisioneiros que ficaram na caverna, Platão nos remete ao medo que os prisioneiros têm de sair da caverna. E justamente por isso que, quem sai da caverna é considerado por ele como corajoso para continuar a viver e por isso é a pessoa ideal para construir e governar uma cidade mais justa.

Interessante destacar que, na situação proposta por Platão na alegoria da caverna, a saída do prisioneiro que conseguiu se libertar faz referência ao “homem que deve se libertar dos conhecimentos falsos, enganosos, gerados pela opinião (doxa), que são apenas sombras ou simulacros dos conhecimentos verdadeiros”, conforme declara Oliveira (2011, p. 02).

Nesses termos, essa “ruptura, porém, não é imediata, pois aquele que foi acostumado a viver nas sombras, quando olha pela primeira vez o sol, tem sua vista ofuscada e se recusa a continuar a observá-lo” (OLIVEIRA, 2011, p. 02). Isso porque, como os prisioneiros acreditam que o que veem projetado nas sombras é a totalidade do mundo e a verdade, libertá-los parece uma tarefa bastante complexa: “Portanto, se alguém o forçasse a olhar para a própria luz, doer-lhe-iam os olhos e

voltar-se-ia para buscar refúgio junto dos objetos para os quais podia olhar e julgaria que estes na verdade eram mais nítidos do que os que lhe mostravam” (PLATÃO, 2012, p. 211).

Desse modo, Sócrates, através do escrito de Platão, evidencia que essa resistência em se libertar da caverna está relacionada com os medos que as pessoas não querem confrontar, ou seja, com a alegoria da caverna, “o propósito de Sócrates é descrever a situação humana em uma parábola sobre a ignorância e o aprendizado”, de acordo com Conceição e Ferreira (2014, p. 158).

Para se libertar das amarras, é necessário sair da letargia, ou seja, para sair da caverna, os prisioneiros devem vencer o medo de conhecer o novo e o que está do lado de fora da gruta, e para isso, é preciso instigar o inconsciente humano com a força da curiosidade e da racionalidade.

A resistência dos prisioneiros em sair da caverna e perceber o conhecimento verdadeiro deve ser vencida sem o uso da força, isto é, a vontade de descobrir o conhecimento e o sentimento de curiosidade deve partir dos próprios prisioneiros. Sobre isso, Sócrates afirma:

E se o arrancassem dali à força e o fizessem subir o caminho rude e íngreme, e não o deixassem fugir antes de o arrastarem até à luz do Sol, não seria natural que ele se doesse e agastasse, por ser assim arrastado, e, depois de chegar à luz, com os olhos deslumbrados, nem sequer pudesse ver nada daquilo que agora dizemos serem os verdadeiros objetos? (PLATÃO, 2012, p. 211).

Como os prisioneiros estão ali desde que nasceram, compreender que o que está fora da caverna é a verdade e o conhecimento verdadeiro, é muito difícil para eles, uma vez que eles creem que o que veem projetado nas sombras é a própria realidade vivida dia a dia. Conceição e Ferreira (2014, p. 159) afirmam que, para os prisioneiros, “tudo o que é externo é transformado em realidade por essas projeções, além disso, eles conversam entre si e suas vozes ecoam pela caverna dando a sensação de que suas vozes vêm de suas próprias sombras”.

Um dos questionamentos do próprio Sócrates em uma de suas tantas reflexões é justamente a possibilidade de que o prisioneiro que conseguiu se libertar conseguiria, depois de se adaptar à luz do Sol, retornar e libertar os demais das sombras do interior da caverna. Nessa primeira possibilidade proposta por Sócrates, os demais prisioneiros “não reconhecem o seu próprio amigo, que estava dizendo que o mundo lá fora era real e o que eles estavam vendo eram somente sombras e

creem que ele voltou com problemas mentais e que, se tentarem sair, ficarão cegos”, segundo Conceição e Ferreira (2014, p. 159).

A razão de não acreditarem em seu amigo que retornou do exterior da caverna é que alguns homens se prendem às suas próprias cavernas, ou seja, eles “não querem descobrir o maravilhoso mundo da inteligência que está lá fora esperando por eles. É preciso elevar o espírito para possuir o grau mais elevado de consciência de si mesmo” (MATOS, 2011, p. 69). Em outras palavras, esses prisioneiros não querem e não conseguem se desprender das suas crenças costumeiras.

Isto posto, percebemos que através do mito da caverna, Sócrates faz diversos questionamentos ao seu interlocutor Glauco, no sentido de demonstrar a maneira como as pessoas são escravizadas sem que percebam o que está acontecendo realmente, mas acenando para libertação, sob o prisma do prisioneiro que conseguiu se libertar, demonstrando assim que é possível sair da caverna de alguma forma. Nesse sentido, a partir da alegoria da caverna de Platão, descrita no livro VII de *A República*, é possível perceber a preocupação do filósofo com o conhecimento das verdades essenciais que determinam a realidade.

Pensarmos sobre as questões atuais a partir do pensamento filosófico, nos faz constatar que o mito da caverna de Platão se faz muito presente nos dias de hoje, uma vez que muitas vezes nos deparamos com pessoas não querem sair das suas cavernas, insistem em permanecer nas sombras projetadas pelo fogo aceso da ignorância que, juntamente com os “sons de fora que ecoam pelas paredes e se associam a essas sombras, dão a impressão de que são as falas que elas emitem”, como afirmam Conceição e Ferreira (2014, p. 159).

O mito da caverna, a partir da figura de Sócrates com o seu método dialógico, é essencial para compreendermos que, em função de suas brilhantes intervenções a respeito dos assuntos abordados no livro VII, o pensamento filosófico que conhecemos hoje possui grande enraizamento nessa obra, já que nela, Platão tratou de elementos característicos da vida humana, como a estética, a arte e o conhecimento humano.

Por isso, evidenciamos a importância e necessidade do pensamento platônico nos dias atuais, haja vista a fraqueza humana em permanecer na escravidão, nas amarras da ignorância, pois os indivíduos estarão sempre sujeitos à

essa situação se não refletirem sobre as possibilidades de sair de situações como essas e permitir que a sua curiosidade alcance o conhecimento verdadeiro.

4. O MITO DA CAVERNA NOS DIAS ATUAIS

Com base no exposto até aqui, percebemos a importância do mito da caverna não somente para o percurso e cristalização do pensamento ocidental, mas também para pensarmos a nossa sociedade atual e as questões atinentes ao nosso tempo. Através da obra *A República*, Platão nos permite pensar sobre vários assuntos importantes da contemporaneidade: educação, justiça, estética, arte, conhecimento humano, entre outros. Todavia, devido à limitada extensão do presente estudo, não poderemos abordar cada um desses itens de forma detalhada.

Com a criação do mito da caverna, Sócrates pretende nos instigar a pensar sobre o processo de uma prisão involuntária e como a sua libertação depende desse mesmo processo. Dessa forma, fazendo uma comparação com os dias atuais, é como se os prisioneiros fossem os homens comuns de hoje em dia, isto é, esses prisioneiros são as próprias pessoas, que vivem nesse mundo considerado limitado, são as pessoas que insistem em não sair da caverna, em não buscar a luz do Sol, o conhecimento verdadeiro.

O interesse em sair das amarras das cavernas que nos aprisionam deve partir de nós mesmos, pois um mundo composto de prisioneiros gera uma sociedade covarde e ignorante, como podemos notar a seguir:

Na atualidade, as cidades estão repletas de seres que estão no mundo subjetivo do medo e da covardia. São violentadas com os seus próprios fantasmas com os medos da cidade sem perspectiva de mudança. Só nós podemos superar os fantasmas do cotidiano, as nossas cavernas do medo. Vamos sair do comodismo e buscar um tempo ideal e repleto de soluções (MATOS, 2011, p. 69).

Pensar o mito da caverna nos dias atuais é pensarmos sobre todas as questões que nos rodeiam, pois muitas vezes nos deparamos com situações de desespero e dúvidas, porém, a atitude de mudança é esperada de terceiros, sendo que deve partir de nós mesmos, já que “só podemos melhorar as coisas por meio de nossa curiosidade, por meio de nossa ação de seres sociais moradores de uma cidade de uma comunidade” (MATOS, 2011, p. 69).

Sair do comodismo e buscar escapar das amarras que a vida nos submete, não é uma tarefa fácil, por isso Sócrates afirma que o prisioneiro que se liberta da caverna é o filósofo, porque é ele que busca o conhecimento verdadeiro, que sai da gruta e encontra coragem para continuar a viver, ainda que a luz solar seja forte e difícil de se adaptar. Com o mito da caverna, percebemos ainda que “vivemos em um tempo de conflitos onde as pessoas vivem em cavernas, vivem no mundo da escuridão e da falta de perspectiva” (MATOS, 2011, p. 68), daí a sua necessidade e relevância na discussão das questões atuais.

Libertar os prisioneiros, isto é, as pessoas das suas cavernas, não é uma tarefa fácil, como afirmado anteriormente. Na atualidade, as sombras projetadas são as alienações provocadas por este mundo midiático em que vivemos, quer dizer, as sombras e os ecos nunca são projetados exatamente do modo como os objetos que os ocasionam são. “As sombras são distorções das imagens e os ecos são distorções sonoras. Por isso, esses elementos simbolizam as opiniões erradas e o conhecimento preconceituoso do senso comum que julgamos ser verdadeiro” (PORFÍRIO, 2020, s/p).

Por isso que a saída da caverna representa uma busca pelo conhecimento verdadeiro, pois o contato com a realidade e com a verdade é um processo gradativo e de adaptação, como podemos notar a seguir:

Imaginando esses prisioneiros saindo da caverna. Pouco a pouco eles teriam de se adaptar ao mundo real. Primeiro continuariam a ver as suas próprias sombras no chão, os reflexos dos homens na água e conhecer os objetos que estão à sua frente. Ficaria mais fácil começar a olhar para cima e olhar a luminosidade da lua e do próprio sol. Seriam capazes de sentir a natureza com todas as suas nuances provocadas pelo dia e pela noite. E o conhecimento do real começa a ser percebido pelos seus sentidos. (CONCEIÇÃO e FERREIRA, 2014, p. 159).

Ao olhar para as sombras e ecos projetados e confundi-los com a realidade nos dias de hoje, é pensar nas várias formas de amarras que geram alienações e impossibilitam o alcance do conhecimento verdadeiro. Uma dessas amarras são as grandes mídias e as tecnologias que se fazem presentes na nossa atualidade, como por exemplo as televisões, computadores, celulares e as redes sociais digitais, que promovem um sentimento de que estamos lidando com a realidade, porém, é algo ilusório.

Essa relação com mito da caverna é bastante válida, uma vez que não raramente as notícias e informações que são disseminadas pela TV e pela internet

são falsas ou minimamente tendenciosas. Nesse sentido, a curiosidade e a busca pelo conhecimento verdadeiro são necessários para que as pessoas se tornem questionadoras, saiam do comodismo, busquem sempre não se contentar com a mesmice, fujam de uma vida e um tempo medíocre ou então, não terão qualidade de vida. Diferenciar o que é real e o que é apenas sombra nas informações propagadas pelo mundo midiático de hoje, requer algumas habilidades e características que Sócrates atribuiu ao filósofo, que conseguiu se libertar da caverna.

Além das questões tecnológicas e midiáticas, que são instrumentos que sem dúvidas marcam o nosso tempo, também podemos pensar o mito da caverna sob a perspectiva da educação. Com a saída da caverna e busca do conhecimento, nos livramos do mundo sensível, das sombras projetadas, dos simulacros, das imagens do que parece ser o conhecimento verdadeiro e das amarras da ignorância.

Nesse sentido, a educação é uma forma de sair da caverna, de descobrir a luz do Sol, de “sair de nossas trevas, de desafiar aquilo que é difícil aos olhos humanos, pois a experiência da vida está fora da gruta cavernosa dos medos, ou seja, na gruta a história fica restrita; na estrada da luz, ideias são encontradas” (MATOS, 2011, p. 70). Na obra *A República*, Platão expõe suas ideias sobre a educação, revelando que, “para o conjunto dos cidadãos, o melhor governante é uma ascese espiritual: a alma que atinge o topo do conhecimento se acha em plenas condições de governar, mas não deve se julgar superior aos demais”, de acordo com Oliveira (2011, p. 02).

Platão associa as qualidades de um bom governante ao prisioneiro que se libertou da caverna e conseguiu sair da escuridão para a luz. Por isso, fazemos menção ao papel da educação na atualidade como forma de saída da gruta e das amarras das sombras que se disfarçam de realidade, pois através dela, temos a possibilidade de sair da cegueira e alcançar o conhecimento, passando assim do mundo sensível ao inteligível.

Essa forma de se libertar das cavernas, nos revela que Platão admite que é possível sim sair da caverna, ainda que seja um processo lento e doloroso, ou seja, não estamos condenados a viver em uma caverna eternamente. Todavia, a iniciativa de buscar as formas possíveis de sair da caverna, deve partir de nós mesmos, do nosso interesse e da nossa curiosidade.

Ainda que a gente nasça na caverna, isto é, que comecemos como prisioneiros, sempre podemos fazer melhor. Conseguir discernir as sombras da

realidade e aceitar que o que víamos nas nossas cavernas eram apenas projeções do mundo sensível, é uma das lições que Sócrates nos propõe com a apresentação do seu método maiêutico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que no mito da caverna, Platão, através de seu personagem Sócrates, procura apresentar ao leitor a sua teoria sobre o conhecimento da verdade e a necessidade de que o governante da cidade tenha acesso a esse conhecimento, se libertando das amarras e das sombras projetadas pelo fogo da ignorância. Esse governante seria o filósofo, que ama e busca o saber e o conhecimento verdadeiro, seria então o prisioneiro que conseguiu sair da caverna.

A fim de entender um pouco mais sobre a proposta de Platão na obra *A República*, evidenciamos no presente estudo a sua importância para a construção e consolidação do pensamento ocidental, bem como uma breve análise sócio demográfica sobre sua vida e bibliográfica, que em grande parte, está escrita na forma de diálogos, tendo Sócrates como protagonista em função de suas brilhantes intervenções.

Isto posto, diante do objetivo proposto neste trabalho, de discorrer acerca do mito da caverna, enfatizando a importância do livro VII para o percurso do pensamento filosófico e para pensarmos as questões e os problemas que afetam a nossa sociedade na atualidade, destacamos a importância desse estudo, uma vez que percebemos a necessidade de nos libertarmos das nossas cavernas e de sermos como o prisioneiro que se libertou, de sermos filósofos, pois temos a tarefa de conduzir o nosso entendimento e usar a nossa sabedoria para construir uma cidade mais justa e auxiliar os homens a governar essa cidade com princípios éticos que devem nortear o mundo social.

Por fim, concluímos que este estudo possui um caráter introdutório sobre o assunto, já que por se tratar de um artigo, não é possível expandir muito sobre os conceitos aqui abordados. Além disso, ressaltamos o presente trabalho está em aberto para críticas e considerações e que, devido a sua relevância, esperamos que contribua para os estudiosos da obra e do pensamento de Platão.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Daiane Camila. Et al. **Novos diálogos socráticos**: uma experiência do filosofar. V Jornada de didática e IV seminário de pesquisa do CEMAD. ISBN 978-85-7846-516-2, 2015. Disponível em:
<http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/V%20Jornada%20de%20Didatica%20e%20IV%20Seminario%20de%20Pesquisa%20do%20CEMAD%20Saber%20e%20praticas%20da%20docencia/Novos%20Dialogos%20Socraticos.pdf>
Acesso em: 05/11/2020

CONCEIÇÃO, Celso Augusto Nunes da. FERREIRA, Valdeci Martins. **O mito da caverna projetado no admirável mundo novo**: a escravidão tecnológica. REVISTA DILÁOGOS DO DIREITO v.4, n. 6, jul/2014.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANKLIN, Karen. **Os conceitos de Doxa e Episteme como determinação ética em Platão**. Educar, Curitiba, n. 23, p. 373-376, 2004. Editora UFPR. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/307677517_Os_conceitos_de_Doxa_e_Episteme_como_determinacao_etica_em_Platao Acesso em: 22 de outubro de 2020.

LAZARINI, Ana Lucia. **Platão e a educação**: um estudo do livro VII de a República. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Dissertação de mestrado, Campinas, 2007.

MARTINS, Antônio Manuel. **Filosofia e política em Platão**. Universidade de Coimbra. HVMANITAS — Vol. XLVII (1995). Disponível em:
https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas47/26_Antonio_Martins.pdf Acesso em: 22 de outubro de 2020.

MATOS, Lucas Pereira. **A alegoria da caverna e seu mito hoje**. Revista Pandora Brasil – Número 34, Setembro de 2011 – ISSN 2175-3318. Disponível em:
http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/filosofia_34/lucas.pdf Acesso em: 10/11/2020.

MATSUURA, Oscar T. 1939 – **Timeu**: a Cosmologia de Platão / Oscar T. Matsuura / São Paulo: / 2019.

OLIVEIRA, Renato José de. **Platão e a Filosofia da Educação**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia Disciplina: Filosofia da Educação I, 2011. Disponível em:

<https://www2.unifap.br/borges/files/2011/02/Plat%C3%A3o-e-a-Filosofia-da-Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 10/11/2020.

PORFÍRIO, Francisco. **Mito da Caverna**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/mito-caverna-platao.htm>. Acesso em 30 de março de 2020.

PESSANHA, José Américo Motta. **Platão e as ideias**. In: Curso de Filosofia: para professores e alunos dos cursos de ensino médio e de graduação. Org. Antônio Rezende. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. Disponível em: https://jorgesapia.files.wordpress.com/2017/03/rezende-antonio-filosofia_curso_de_filosofia.pdf Acesso em 30 de março de 2020.

PLATÃO. **A república**: livro VII. 3ª ed. PLATÃO. São Paulo, SP: Martin Claret, 2012.

PLATÃO. **Diálogos**: Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton e Fédon. Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo, 1999.

SOUZA NETO, Francisco Benjamin de. **Platão e o pensamento grego**. Trans/Form/Ação, São Paulo, 5: 35-42, 1982. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/trans/v5/v5a02.pdf> Acesso em: 02/11/2020.